

# A Mãe Primordial em *Demian* de Hermann Hesse

Maria Leuzimar França Cunha  
UERJ

No Início do Universo,  
A Deusa estava só.  
Dela nasceu o desejável  
E tudo que tem energia.  
Dela também os seres,  
Que tinham como origem  
O ovo, a água, o grão ou  
A matriz;  
Os vegetais, os animais  
Dela também o homem.  
É Ela que é a Energia  
Suprema.<sup>1</sup>

## Introdução

Este trabalho consiste de uma pequena análise comparativa entre os romances: “*Demian*” de Hermann Hesse e “*A Mãe e a Espiritualidade: a verdade confiscada; a via reencontrada*” de Gwanael Verez.

Temos como objetivo investigar o símbolo do Eterno Feminino na obra de Hesse, como busca do crescimento espiritual do homem desde tenra idade – senão inato- e a dupla via: escuro x luminoso em que este buscador oscila e passa por uma gradual transformação e provas, até chegar ao grande reencontro da origem de tudo.

Para isto, vamos buscar no símbolo da “Mãe Eterna” em *Demian* e embasar este estudo na obra de Gwanael Verez, na qual este último vai resgatar o símbolo do “Eterno Feminino” nos primórdios da Humanidade e as suas múltiplas manifestações em todas as culturas. Nosso objetivo é o de buscar sua afirmação como potência presente e viva neste momento histórico pelo qual passa a humanidade. É este símbolo do eterno feminino que permeia a obra de Hesse, mas que se manifesta de forma clara e latente em *Demian*.

---

<sup>1</sup> A Criação e a Grande Deusa. Bahvricha Upanishad. Citado por Gwanael Verez.

Desta forma, o trabalho consistirá, num primeiro momento, de um pequeno estudo biográfico de Hesse, de modo a justificar como a sua vida pessoal influenciou a sua obra e o seu modo de representar o mundo. Num segundo momento, faremos um pequeno estudo da obra de Verez e explicaremos o sentido do símbolo ali representado.

Por último, será feita a análise propriamente dita de *Demian* sob os enfoques do profano e do sagrado.

## **I – A Infância de Hesse**

Hermann Hesse nasceu em 02 de Julho de 1877 numa pequena cidade chamada Calw, na Floresta Negra, Wüttemberg, Alemanha.

Embora esse lugar fosse pequeno e provinciano não era afastado dos centros culturais e a família de Hesse, tanto do lado materno quanto paterno, eram pessoas com formação burguesa e tinham uma formação cultural bastante rica, assim como variados interesses espirituais. Além da forte influência pietista em ambas as famílias, os avós de Hesse de ambos os lados tinham sido missionários na Índia e lá viveram durante longos anos. Assim, esses avós possuíam profundo conhecimento da cultura indiana o qual eles trouxeram para o ocidente.

Conta-se que o avô paterno, Hermann Gundert, viveu na Índia e que, além de missionário, era lingüista e, que fez um dicionário de sânscrito que até hoje é considerado fundamental para os estudos da lingüística indiana.

A infância de Hesse foi cercada destes dois mundos: do ocidente cristão e da Índia, do pietismo, bramanismo, budismo. Somando a isto a variedade cultural das duas famílias e dos muito amigos das famílias de diferentes nacionalidades.

Da mãe, Hesse herdou a grande vocação musical (que está presente em sua obra); o gosto de contar histórias e amor pela Índia. Assim, embora possuísse os traços campesino de onde nasceu e morou, ele era também um homem cosmopolita.

No início da adolescência, Hesse freqüentou uma escola latina em Calw e aprendeu latim e grego. Era uma pessoa que, desde cedo, demonstrou qualidades excepcionais, e que aprendeu a ler Platão desde a pré-adolescência.

Apesar de ser uma criança com essas incomuns qualidades, possuía uma personalidade muito difícil e demonstrava caráter individualista e às vezes tirânico. Traço esse duplo oscilante entre o divino e demoníaco, que vem desde a infância, e que se manifesta em toda a sua obra e se acentua de forma clara e acessível em *Demian*.

Devido ao seu “caráter difícil” sua família enviou-o para o seminário de um antigo convento cisterciense de Maulbronn, de forma a prepará-lo para a carreira de teólogo. Ali, ele tinha uma educação humanista. Entretanto, Hesse não agüentou o seminário mais do que meio ano, pois, devido ao seu caráter libertário e rebelde, foi de encontro ao formalismo e às disciplinas ali praticadas. O que fez com que fugisse dali.

Na adolescência Hesse lia autores clássicos: Goethe, Cervantes, os românticos, entre outros. Além de dedicar-se ao estudo de si mesmo, tarefa na qual se ocupou até o fim da vida.

O contato com o convento atijou nele a rebeldia contra as normas estabelecidas, ao mesmo tempo em que o jogava num universo de angústia do vazio espiritual. Ele questionava a religião institucionalizada e, por isso, vivia em conflito interior. Por vezes, chegou à depressão, a estados de nervosismos e tentativas de suicídio. Suas angústias ele traduzia através de um ceticismo quanto ao Deus cristão:

“(...) o espaço deixado por este foi ocupado por fortes convicções de tipo moral e por um panteísmo que, com consonância com os seus autores românticos preferidos, chamava de panteísmo poético que de certa maneira continuaria a ser uma religião ao longo de quase toda a sua vida (...)”<sup>2</sup>

Hesse demonstrava desde a infância um afastamento, deslocamento quanto às coisas rotineiras. Uma de suas características era o isolamento e a falta de amigos. Preferia dedicar-se mais ao estudo de si mesmo, e a ler e a escrever.

---

<sup>2</sup> Carandell, José M. In. *Conhecer Hesse e a sua obra* pg. 24

## II – A criação do Universo – Segundo os Vedas<sup>3</sup>

No princípio Deus era UM, supremo, indiferenciado, nem masculino e nem feminino. Ele era PARABRHAMA, o indiferenciado, a unidade original, a eterna testemunha. Nada ainda havia sido criado. Não existia o universo, apenas o vazio cósmico em estado latente, assim chamado sono de Brahman.

Um dia, esse Deus dividiu-se em duas partes, uma masculina chamada Sada Shiva e a feminina chamada Adi Shakti. Em sânscrita essa Adi Shakti é chamada de Energia Primordial, a Grande Deusa, a Mãe Universal ou o desejo primordial de Deus. A parte masculina é chamada o SER Primordial, Espírito Eterno, Deus-Pais.

Segundo os Devas, quando essa suprema energia dividiu-se em duas partes os dois despertaram e entreolharam-se e ficaram mergulhados em paz e em sua própria plenitude. Então Sadashiva, a parte masculina, pediu à Deusa (Adi Shakti) que ela dançasse para ele. Ela obedeceu e dançou e sua dança era maravilhosa. Seus passos a levavam em direção a ele e cada vez que ela se aproximava, ele suavemente a empurrava para longe. Foi nesse movimento de aproximar-se e afastar-se de seu Senhor que foram formando traços elípticos de energia que se transformaram na primeira sílaba sagrada OM. Enquanto ela dançava, pequenas partículas de matéria caíram de suas vestes, formando assim, o átomo de carbono do qual surgiu quatro braços que se movimentaram e transformaram-se num lindo bebê. Desta forma foi criado o filho da Mãe Primordial, que era uma criança com quatro braços de beleza imensurável, que ao ver sua Mãe dançar, encheu-se de puro regozijo e começou também a dançar, girando-se sobre si mesmo, tomando múltiplas formas semelhantes galáxias, estrelas, planetas. Desta forma o Universo foi criado.

Segundo as escrituras sagradas védicas, foi a Grande Deusa que criou todo o Universo (como foi descrito acima), pois ela é o Desejo de Deus em ação, enquanto a parte masculina por sua vez é a Testemunha silenciosa do jogo da Criação, que está sentada lá no céu sobre a sílaba Sagrada OM, que é o principio

---

<sup>3</sup> Os Vedas são as mais antigas escrituras espirituais da Humanidade redigidas há mais de quatro mil anos.

de Tudo. Essa Deusa criadora é que cria tudo e que tudo permeia. Quando a Humanidade está passando por períodos de trevas, ela toma forma humana e vem á Terra para ajudar a humanidade atravessar aquele período e destruir tudo de negativo que está acontecendo e gerar grandes transformações. Essas escrituras afirmam que a Mãe Primordial já veio a Terra por nove vezes e na próxima ela trará em si a forma tripla de poderes. Assim ela será Maytrea, ou seja, aquela que é três vezes Mãe.

Nas variadas culturas esses dois princípios- masculino e feminino- tomam seus nomes correspondentes: Ísis e Ossíris no Egito; Enlil e Istar na Suméria, Dagda e Danu para os Celtas, Pangu et Newa na China, entre outras mais.

É dessa Adi Shakti que emana o mundo criado: das galáxias às micro-partículas. Lao-Tse<sup>4</sup> escreveu:

“(...) o Mundo tem uma Origem, é a Mãe do Mundo” ( Tao Te-King). “As Teorias científicas atualmente colocam a energia como fonte e poder de toda à existência. (...)”.<sup>5</sup>

Nos *Vedas*, essa concepção do Universo afirma que todos nós estamos interligados a essa energia cósmica transcendente imanente feminina. Entretanto, mantemos essa conexão fraca, pois temos individualidades separadas e consciência de que somos uma pessoa: eu, nome, identificação. Dessa forma, não temos consciência da unidade integradora. Aquela que quando atingida, nos manterá num nível de consciências de onde todas essas falsas identificações são eliminadas e passamos a ter uma nova visão da realidade através do Todo.

É essa conexão que todos os místicos procuram, através da realidade da experiência interior da unidade com o Si. Esse Si é essa conexão com a energia Divina Feminina, a Mãe Cósmica Universal, o Princípio Imanente e Transcendente. Essa conexão é chamada de Yoga ou *religere*.

Os místicos afirmam que as pessoas que têm esse Si despertado são dotadas de qualidades excepcionais, incomuns além da consciência do homem do dia-a-dia. Elas transcendem os lugares comuns, ao mesmo tempo em que as tornam-se deslocadas do seu meio e de seu tempo. Isto, porque elas

---

<sup>4</sup> Sábio Chinês, escreveu o Tao- Te-King, viveu no século 5 a.c.

<sup>5</sup> Verez, Gwanael. Pg. 15.

desenvolvem qualidades divinas que as movem de acordo com a ordem cósmica do Universo.

Ao olharmos para os grandes homens da humanidade: pensadores, artistas, cientistas, políticos que com suas ações e idéias revolucionaram a humanidade. Há um sutil questionamento: quem são eles afinal? Sócrates, Confúcio, Lao-Tse, Shakespeare, Van Gogh, Michelangelo, Goethe, Cervantes, Blake, Einstein, Jung, Georg Washington, Dante, Pascal, São Francisco de Assis, Eckart, Hesse entre outros. Alguns falaram sobre essa experiência energética e da busca do Infinito em suas Obras. Outros pintaram essa consciência luminosa e o ímpeto de evoluir. Outros ainda descreveram sobre essa interligação luminosa, como o caminho da energia interior a ser despertada, que quando desperta vai até o topo da cabeça e ali se estabelece e conecta-se com a energia cósmica da Mãe Primordial. Quando há essa conexão, a individualidade desaparece e essa pessoa atinge o estado de Supraconsciência que o retira do nível do pensamento comum. Esse é o retorno à Mãe Primordial que todos procuram.

Na história da humanidade esse símbolo da Mãe Sagrada, o Eterno Feminino é venerado e encontrado em quase todas as culturas. Essa deusa Mãe vamos encontrá-la em Jung<sup>6</sup>, O Arquétipo da Mãe, a *Psique*, o mistério da vida interior, vamos encontrar em Goethe em *Fausto*<sup>7</sup>:

Tudo que é transitório é parábola.  
Inacessível, aqui, torna-se realidade.  
Aqui, o inefável é atingível,  
A forma feminina eterna nos eleva.

Desde o Iluminismo, o homem moderno vive o mundo do racionalismo, da industrialização, da máquina, e, afastou-se do seu interior. Hoje em dia, predomina o racionalismo e o materialismo. Inclusive as religiões vivem em função do economicismo. Esse homem, ao mesmo tempo em que usufrui desses valores, quando ele volta para seu interior entra em choque e encontra um vazio, por isso, entra em crise e desequilibra-se e oscila entre luz e trevas da mente. Outros

---

<sup>6</sup> Jung, C. G. *L'Âme et la Vie*. Paris, 1963. Pg. 17. Cit Verez, Gwanael. Pg. 32.

<sup>7</sup>Goethe, Johann W. *Fausto (cena Final)*. Versos Seleccionados, London, 1987. pg.355. Cit. Verez, Idem.

ainda, nem sequer dão-se conta desse vazio, vivem em função desse racionalismo, da velocidade e do efêmero.

Entretanto, ao olharmos para a história da evolução da humanidade em todas as culturas: “(...) *foi à busca espiritual que elevou o homem ao seu mais alto nível de dignidade e criatividade e fez progredir as sociedades*”<sup>8</sup>.

Vejamos as contribuições de Confúcio, Lao-Tse para China, a Idade Média e as construções das catedrais, como ainda afirma Verez.

É comum em várias culturas a veneração do mito do Eterno Feminino, que segundo arqueólogos o “*culto da Deusa*”, remonta a tempos antigos, há mais de 20.0000 anos a.C. Foram achado vestígios destes cultos em estátuas e inscrições durante escavações em regiões entre a Índia e o Mediterrâneo e no sudeste da França, em cavernas que remontam ao Paleolítico. Essa Deusa manifesta-se sob variados aspectos em algumas culturas, na China como Kuan-Yin; Durga, na Índia; Atenas na Grécia; Isis, no Egito; Malta, na Sibéria e Virgem Maria, para os cristãos. Gwanael ainda cita: “*É a Deusa que faz o homem chegar a sua própria divindade, que é a contemplação de seu Espírito*”.<sup>9</sup>

Essas Deusas são associadas à serpente, que é a representação inconsciente da Kundalini para os hindus-que é a imagem do poder da Mãe.

Essa energia kundalini é o reflexo da Mãe cósmica no interior de cada ser humano. É uma energia potencial em estado latente, mas adormecida. Segundo os Upanishads<sup>10</sup>, ela é despertada na base do osso sacro, início da coluna vertebral e, quando despertada, ergue-se tal qual uma serpente em espiral e vai subindo ao longo da coluna vertebral, iluminando os centros de energias interior que contêm as qualidades “incomuns” ou “divinas” daquelas pessoas. Essa energia sobe até o topo da cabeça, numa região chamada *fontanella* e conecta-se com a energia da Mãe Primordial que permeia todo o Universo. A partir dessa experiência essa pessoas desenvolvem qualidades excepcionais. Essa Energia também é conhecida no Ocidente como o Caduceu de Mercúrio para os ocultistas e a pomba, para os cristãos.

---

<sup>8</sup> Verez, Gwanael. Pg. 33.

<sup>9</sup> Idem, Ibidem. pg. 24.

<sup>10</sup> *Upanishads*. As escrituras sagradas mais antigas de que se tem registro

É esse princípio feminino presente em todas as culturas desde tempos imemoriais. Na obra de Hesse ele não possui forma humana, mas sim mítica.

#### IV-Demian e Hesse

A obra de Hesse tem a característica do *Bildungsroman* (romance de formação), ou seja, descreve a formação e o desenvolvimento íntimo de um herói juvenil<sup>11</sup>. Essa característica permeia todo romance *Demian*, onde:

“<sup>12</sup>(...) a luta de um jovem para sair do seu ensimesmamento, da sua subjetividade, interioridade, mundo onírico, na tentativa de conquistar o acesso ao mundo objetivo ou a integração numa ordem humana aceitável”.

Neste romance, o personagem principal começa a narrativa com a infância dele, um garoto que vive e oscila entre dois mundos: um burguês ordenável, limpo, luminoso e claro e o outro que é a desordem, o caos, o submundo, o escuro, onde está ausente qualquer forma de ordem. O livro é narrado em primeira pessoa, pelo próprio personagem, Emil Sinclair, que conta sua vida desde a infância. Emil se apresenta como um homem que busca um “*Suchender*”. É aí que reside todo o enigma.

Ele narra sua estória às avessas e prefere o caminho da desordem em sua busca, na qual ele vê como o mais verdadeiro.

Neste período de infância, ele já tem o primeiro confronto com essa realidade obscura, ao encontrar-se com o inescrupuloso Kromer, um garoto pobre que passa a chantageá-lo e o força a roubar os pais ininterruptamente. Sinclair é levado a um estado de torpor e não vê solução até que misteriosamente surge Demian, um garoto mais velho do que ele, que mora com a mãe dele e são seus vizinhos. É esse Demian que salva Sinclair da chantagem de Kromer, mas de modo inusitado e misterioso, sem que Emil saiba como isso se deu. A partir daí, Demian passa a influenciar misteriosamente Sinclair e faz com que ele se volte para seu próprio interior, a refletir a vida e a questionar os valores em torno de si.

---

<sup>11</sup> Rosenfeld, Anatol. *Letras Germânicas*, pg. 108.

<sup>12</sup> Idem, *Ibidem*.

"O Homem cresce pela passagem que nele se faz de um a outro mundo, de uma ordem de valores tida por certa, por imutável, a outra, muito menos segura, mas muito real, mais próxima da verdadeira essência das coisas". 13

É nessa reflexão que Sinclair passa a buscar a totalidade, como uma fixação misteriosa por uma águia e pela tentativa de desvendar o significado do Deus Abraxas<sup>14</sup> que ronda situações inusitadas em sua vida. No entanto, essa Totalidade não é encontrada logo. Demian como colega mais velho é o único amigo que Sinclair tem, mas que ao mesmo tempo não tem, pois Demian é misterioso e inalcançável. É uma presença sempre constante nos momentos mais difíceis do herói e também o ajuda como se fosse um Mestre, que guia um buscador através do mar. Demian é também uma ponte que liga os dois mundos: o escuro e luminoso e tem o sinal de Caim. É o pássaro. O açor do portão da casa de Sinclair.

"É ele o pássaro que rompendo com o velho mundo levantará o vôo na alma do herói para um novo mundo até que ele seja capaz de entender ambos"<sup>15</sup>.

Fazendo uma analogia com a filosofia hindu, esse pássaro poderia ser a serpente – ou pomba para os cristãos - que ao despertar ( levantará o vôo) levará o herói (buscador) a romper o ovo, o velho mundo, o corpo físico, até a Integração no topo da cabeça ( ou céu). É a integração dos dois mundos: o material e o espiritual, ou individual e o cósmico.

Mas enquanto isso não ocorre, Demian orienta Sinclair, o qual ainda está voltado para esse mundo vazio que o faz passar por tortuosos caminhos. Sinclair está num seminário e pinta um quadro que lhes dá a revelação (alguma), pois a imagem ora é de uma mulher ora de um pássaro (a kundalini é uma energia feminina, a Mãe interior de cada um). Quando ele vê a imagem do pássaro, é um que quer sair do ovo.

"Esse pássaro é Sinclair, herói que quer sair do mundo que o prende, em direção ao fundo azul do céu (...) O ovo é o mundo. O pássaro está a voar em direção a Deus. O Deus é Abraxas"<sup>16</sup>.

---

<sup>13</sup> Y. K. Centeno, *pg. 21*

<sup>14</sup> Abraxas é o Deus dos Gnósticos.

<sup>15</sup> Y. K. Centeno, *pg. 21*.

<sup>16</sup> *Idem*, *pg. 25*.

Abraxas é mais um símbolo. Vejamos:

“E por sua vez todos estes símbolos apontam para o maior de todos – da Mãe Primordial, a Grande Mãe, que é encarnada na obra por Frau Eva” 17.

Frau Eva é a mãe de Demian, uma mulher misteriosa, viúva, de beleza inigualável por quem Sinclair se apaixona e, ao mesmo tempo teme. Ela lhe causa prazer e horror. Demian também é um mito. Às vezes ele toma forma meio hermafrodita, encerrando-se assim o símbolo da Totalidade.

Voltemos um pouco atrás sobre o momento da Criação Hindu. Lá encontraremos esses símbolos. A grande Mãe, o símbolo da Totalidade e da Integração, que para se chegar até ela tem que se passar pelo filho, o símbolo do açor. Na manifestação física do corpo humano, existe um centro de energia chamado Muladhara Chackra ou plexo pélvico. Segundo a tradição hindu, este centro de energia é regido pelo filho Primordial, aquele que foi criado do átomo de carbono, e na simbologia hindu ele é chamado de Shri Ganesha.

Acima deste chakra há uma energia que tem em média 3 ½ de cumprimento e está enrolada sobre si mesma num formato de serpente e está adormecida em cada ser humano. Essa energia é o reflexo da Mãe cósmica primordial, manifesta no corpo físico de cada ser humano. Ela é a Kundalini ou a pomba que está pronta a ser despertada, mas somente isso será feito com a autorização do filho que mora no primeiro centro de energia. E Quando ela acorda, ela eleva o buscador à integração cósmica com a Grande Mãe.

“A mística hindu tem por objetivo a perfeição obtida através da sua identificação com um par divino feminino (a que Jung chamaria de Anima/Psique e Hesse de Alma, os alquimistas de Lua de Mercúrio).” 18

Mas a Grande União em Demian ocorre quando o herói progride no conhecimento de si mesmo. - Na religião, só com o despertar do fogo Primordial, a serpente. – Esse auto-conhecimento lhe permite integrar-se com a Grande Mãe,

---

<sup>17</sup> Idem, Ibidem.

<sup>18</sup> Y.K. Centeno, pg. 26

que tal qual Abraxas, inclui todos os opostos. Para a mística hindu ela é o Princípio e o Fim.

Quando Sinclair sonha com Frau Eva, ela ao mesmo tempo transforma-se nele. Esta é a unidade indiferenciada, ou seja, o que está fora também está dentro e nada existe, além disso. Em outras palavras, tudo e todos estão contidos dentro da Grande Mãe Cósmica. Segundo Centeno, as formas de Demian e Frau Eva são projeções da *Anima* de Sinclair; do inconsciente dele, que ele aos poucos está tomando conhecimento.

Outro símbolo interessante em *Demian* é o símbolo da água, que é presente em outras obras de Hesse. Essa água representa o Princípio da vida. Nos *Vedas* a Grande Deusa é representada através do símbolo feminino da Mãe, da Esposa, ou seja, a Deusa do lar, Shri Lakshmini, que está em pé sobre uma flor de lótus que está contida no meio do Oceano Cósmico Primordial. Ali ela representa o equilíbrio, vida e riqueza. Em *Demian*, quando Sinclair vai finalmente conhecer Frau Eva, a casa onde ela mora está junto de um rio. É justamente naquele momento que ele percebe que se dá a união entre os dois mundos: o interno e o externo, depois de um longo e tortuoso caminho percorrido por ele. Seria esse o caminho do corpo sutil através dos centros de energias ao longo da coluna vertebral? E ainda a questão, ele só percorreu esse caminho guiado pela serpente com a autorização do filho primordial que é também, ao mesmo tempo, o pássaro, a serpente. O ser hermafrodita.

Enfim, o livro se encerra com brilhante imagem. Sinclair vai lutar na guerra e num posto de vigília ele é mortalmente ferido:

“(…) Na debilidade singular de minhas pulsações, na insensibilidade de minha pele para o vento e a chuva, e na vibrante vigília interior, senti que em torno de mim havia um guia.

Via-se nas nuvens uma grande cidade, da qual fluíam milhares de homens que se espalhavam com enxames pelas amplas paisagens. Em meio a eles caminhava uma poderosa divindade, o cabelo semeado de estrelas reluzentes, alta como uma montanha. O rosto era o de Eva. Em seu interior entraram os homens em grupos como numa caverna gigantesca e lá desapareceram. A deusa sentou-se no chão. Em sua frente o sinal resplandecia. Parecia sofrer o domínio de um sonho; fechou os olhos e o amplo rosto contraiu-se num gesto de dor. De repente, lançou um grito agudo e de sua frente saltaram estrelas, muitos milhares de estrelas resplandecentes, que voaram para o negro céu em curvas magníficas.

Uma das estrelas vinha com vibrante cântico, em minha direção.  
Parecia procurar-me... (...)19

## V - Conclusão

Hesse escolheu o símbolo da grande Mãe para representar o inconsciente, a força adormecida, mas latente, pronta para ser desperta em todo ser humano. Afinal, quem poderia descrever essas experiências do sublime, essa grande energia a não ser aquele que tem o sinal de Caim- O *Suchender*, o eleito, o escolhido? - Entretanto, não mais *Suchender*, mas aquele que finalmente encontrou-a. Mas ainda há a questão, se todos possuem essa energia potencial em seu interior, então todos têm o sinal de Caim ou o que necessário para que essa Energia se manifeste? Seria, portanto a *Die Suche?* (A Busca?)

Verev ainda nos diz:

"As teorias científicas atuais colocam a energia como fonte e poder de toda a existência, ao mesmo tempo estática e dinâmica, noção sintetizada pela equação universal  $E= mc^2$ . Os mais antigos conceitos sobre a Criação, obras de grandes visionários do Oriente, reúnem por inúmeros pontos as evidências mais modernas da ciência Oriental."20

Fecho parcialmente este trabalho, como apenas um indicativo sintético para um desenvolvimento mais amplo sobre o tema e a inclusão sobre as possíveis respostas para "*Die Suche*", e o "*Encontro*" e de como eles estão acontecendo e se desenvolvendo e na sociedade contemporânea. E concluo com Verev:

"A Grande Mãe (o inconsciente coletivo) é o receptáculo da vasta matéria humana, e é ao mesmo tempo a força transformadora que a sublima. A União da Matéria e do Espírito, da escuridão e luz."21.

---

<sup>19</sup> Hesse, Hermann. *Demian*, pg. 186.

<sup>20</sup> Verev, Gwanael, pg. 25

<sup>21</sup> Centeno, Y. K. pg. 32.

*Bibliografia Básica:*

- 1- Carandell, José M. *Conhecer Hermann Hesse e a sua obra*. Ed. Ulissea, Lisboa, 1978.
- 2- Centeno, Y. K. *Símbolos de Totalidade na Obra de Hermann Hesse*. Regra do Jogo, Rio de Janeiro, 1978.
- 3- Hesse, Hermann. *Demian*. Editora Record, 32<sup>a</sup> ed, Rio de Janeiro, 2001.
- 4- Rosenfeld, Anatol. *Letras Germânicas*. São Paulo, EDUSP, 1993.
- 5- \_\_\_\_\_. *História da Literatura e do Teatro Alemão*. EDUSP, São Paulo, 1997.
- 6- \_\_\_\_\_. *Texto e Contexto II*. Col. Debates/crítica. EDUSP, São Paulo, 1993.
- 7- Theodor, Erwin. *Literatura Alemã*. São Paulo, EDUSP, 1980.
- 8- \_\_\_\_\_. *Perfis e Sombras- Estudos de Literatura Alemã*. Editora EPU, São Paulo, 1990.
- 9- Verez, Gwanael. *A Mãe e a Espiritualidade: a verdade confiscada, a via reencontrada*. França, Published, 1995. (tradução Valéria Ferreira)